

HUMANIDADE, CORPO E ALTERIDADE

Marileide Alves do Nascimento

“O corpo carrega memórias que são reveladas nos passos, nos comportamentos, nas andanças... são nos movimentos que se concretizam ações, realizam-se mudanças, faz-se as criações.”

Este trabalho foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental CEU Butantã, localizada na Zona Oeste de São Paulo, no Bairro do Butantã. Esta Unidade escolar atende dois períodos: manhã e tarde e só no matutino tem cerca de 360 alunos, dos quais sou professora efetiva de Educação Física. A Unidade faz parte da Educação em Tempo Integral, atendendo as turmas dos Primeiros e Nonos Anos. O projeto foi desenvolvido com a turma do 1 ano A, durante o primeiro semestre de 2016.

O projeto é fruto da inquietação de como se trabalhar na Educação Física Escolar a Lei 10639/03 no Ensino Fundamental I, um objetivo pessoal desde quando comecei a lecionar. Este tema sempre me preocupou, pois só é lembrado pela maioria dos docentes no mês de novembro pelo feriado do dia 20 – Dia da Consciência Negra. Meu maior estímulo de adentrar mais profundamente no assunto e optar em trabalhar com essa turma foram dois alunos negros, uma menina e um menino, que me chamaram muito a atenção.

No primeiro semestre sempre iniciamos trabalhando questões da identidade e relações familiares para conhecer melhor os alunos que estão ingressando no primeiro ano. É claro que o tema é sempre revisitado em todo ciclo de alfabetização (primeiro, segundo e terceiro ano), com novos olhares e perspectivas. O fato que me chamou atenção foi primeiramente, a negação destas duas crianças do 1 ano A, quanto a cor de suas peles. A menina não gostava da cor da pele e tão pouco do seu cabelo. O menino, durante uma atividade na aula de Educação Física, na qual eles deveriam desenhar e

pintar a própria mão, comparou uma coleguinha de classe, também negra, com o lápis azul escuro. Esta se sentiu ofendida e quando eu questionei ao aluno porque da sua atitude e disse-lhe para colocar sua mão ao lado da mão da colega afirmando que eles eram semelhantes no tom de pele, ele me disse “mas a parte debaixo do meu pé é branco”.



Estas duas situações me marcaram profundamente. Mediante a percepção da “necessidade emergencial” de emponderamento destas crianças em relação a apropriação e reconhecimento suas identidades pessoal e familiar, selecionei algumas justificativas e expectativas de aprendizagens, levando em consideração o Projeto Político Pedagógico, as discussões nos horários coletivos (JEIF e PEA) para nortear o desenvolvimento das ações:

- Reconhecer que historicamente somos marcados pelo racismo e pelas

desigualdades sociais;

- reconhecer e valorizar o modo africano de ser, que enriquece a compreensão das questões ambientais, tecnológicas, históricas e éticas em nossa comunidade escolar;
- valorizar as diversas manifestações de matriz africana e afro-brasileiras como patrimônio histórico, ambiental, econômico, político e cultural;
- compreender a necessidade de fortalecimento do processo de conscientização da comunidade escolar quanto à mudança de comportamentos e mentalidades, a fim de minimizar as atitudes de descaso e desrespeito à diversidade cultural e étnica da sociedade brasileira.
- reconhecer, construir e se apropriar da identidade individual, familiar e cultural;
- Conhecer, resgatar e vivenciar jogos, brincadeiras e danças populares, assim como ressignificá-las sem rótulos de gênero;

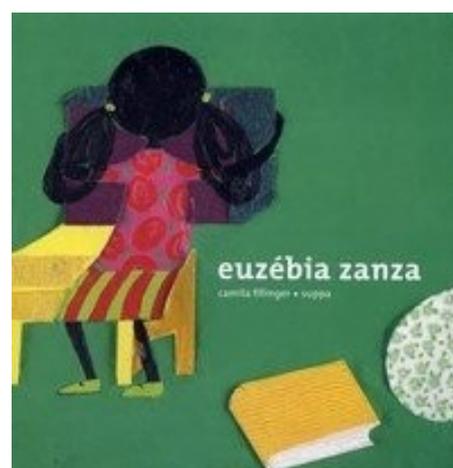
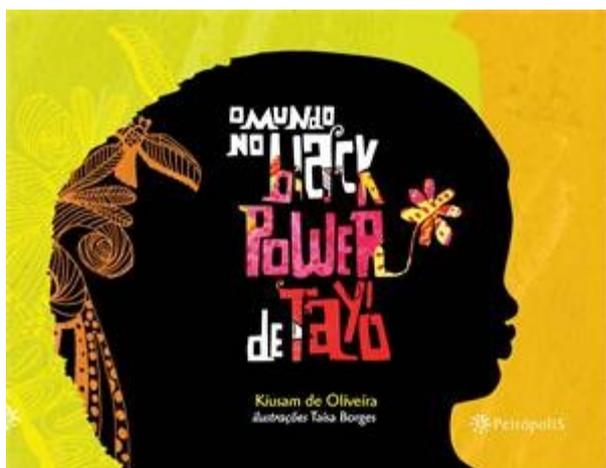
Num trabalho transdisciplinar, com as analistas da biblioteca, o professor de informática, levamos as crianças na biblioteca, mostramos o mapa mundi, localizamos o continente africano e fizemos a leitura do livro “O mundo no Black Power de Tayó”.



“O livro **O mundo no black power de Tayó** conta a história de uma bela menina de 6 anos que gosta de brincar, adora animais e se orgulha da pele e dos olhos negros, dos seus traços marcantes e, especialmente, de seu cabelo **black power**, que enfeita dos mais variados e criativos jeitos: com cordões, estrelas, laços e às vezes livre e vastos como o universo. (OLIVEIRA, Kiusam de)”

Depois da leitura, a aluna reafirmou o quanto detestava tudo que se referia as pessoas negras e como não gostava dos seus cabelos, mesmo tendo se identificado com o da personagem da estória. Esta foi nossa primeira ação no projeto. Após o conto, coloquei algumas músicas de percussão para ouvirmos e para que eles identificassem os instrumentos que estavam sendo tocados na composição musical.

Na escola temos alguns projetos de leitura: a leitura diária e o letramento em família. No primeiro, a leitura é realizada todos os dias e as professoras regentes são quem escolhem o que vão ler; no segundo caso um aluno da sala leva um livro emprestado para ler em casa com a família. Esta educadora, em especial, elegeu dois dias na semana para fazer leituras de história que contemplassem a educação étnico racial, um dia são personagens negros e no outro indígenas. Numa dessas leituras foi lida a história de “Euzébia Zanza”, outra personagem negra, sonhadora, que durante sua aventura imaginária, ela zanza por uma montanha onde encontra borboletas, abelhas, sabiás e maritacas. Entrelaça flores amarelas para fazer coroa, encontra um castelo sem paredes encontra a felicidade no seu mundo imaginário.



Estas duas histórias foram o ponto de partida para desenvolvimento do projeto interdisciplinar, com envolvimento da professora de artes, professor de informática, professora regente da turma, funcionárias da biblioteca, uma arte-educadora de jogos, brincadeiras e danças populares, a comunidade e eu que se iniciou na leitura, construção dos objetos e personagens com materiais reciclados e trabalho de percepção, consciência e expressão corporal.

No trabalho conjunto com arte-educadora, as crianças vivenciaram o batuque de umbigada, introduzida a partir de uma brincadeira, na qual elas escolhiam palavras que fosse comum à todos e cada passo, mais o cumprimento umbigo com umbigo era representado por elas, que falavam enquanto executavam os movimentos: “machucado, machucado...brincar, brincar, brincar...”. Foram quatro encontros de 45 minutos, no qual eles ouviram alguns contos, moda (“Rio de Lágrimas”-RJ), brincaram e dançaram e por último, assistiram um vídeo sobre a dança experienciada.







Então, fizemos o reconto da história da Euzébia Zanza na biblioteca, de maneira interativa: uso de sons, música, tecidos, objetos e personagens confeccionados a partir do livro, com uso de materiais recicláveis.





Para representar a personagem Euzébia, confeccionei uma boneca de pano “Abayomi”, também da cultura africana. As crianças puderam tocar e a aluna que antes não aceitava sua cor de pele falou “Olha prô, ela parece comigo...” . Esta fala já foi uma vitória, porque não foi dita com desdém nem repulsa com outrora e sim, pareceu uma “pontada de orgulho”.

A história da Euzébia Zanza foi um link utilizado para ensinar a boneca **abayomi**, utilizada para representar a personagem e daí já elencamos mais um elemento da cultura africana, relatando para os alunos de onde surgiu a boneca, isto, durante a oficina, na qual eles puderam fazer a confecção com os tecidos escolhidos por eles. O material (tecidos) foi fruto da colaboração de professores, costureiras da comunidade e dos alunos. Com isso, trabalhamos também a utilização das roupas velhas para a confecção de brinquedos (no caso, a boneca) de forma simples. Cabe ressaltar, que esta oficina atingiu todas as turmas do período da manhã, não ficando somente com o primeiro ano, turma que se deu início e para quem foi idealizado o projeto.

As ações não param por aqui, terão continuidade mais fortemente no segundo semestre de 2016, ficando um relato a posteriori, no entanto é válido explicitar os pontos

positivos alcançados até o momento: autonomia dos alunos em buscar materiais para compor as oficinas; repensar as brincadeiras em questão do gênero; ter favorecido o conhecimento e respeito por manifestações culturais africanas, bem como o reconhecimento identitário de alunos que não se reconheciam enquanto afrodescendentes.



BIBLIOGRAFIA

Orientações Curriculares: Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-racial na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008.

Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Ensino Fundamental: Ciclo II: Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

OLIVEIRA, Kiusam. O Mundo no Black Power de Tayó. Editora Peiropolis, 2013.

FILLINGER, Camila. Euzébia Zanza, Editora Girafa, 2006.